



As peles sob a pele

Se hoje ou há anos, a tentação de se camuflar sob a capa de uma terceira pessoa continua sedutora: quando ele estava próximo dos doze, mas ainda gostava muito de sentar no colo da mãe, algo começou e terminou. Mas será que aquilo que principiou, aquilo que acabou pode ser exposto com exatidão? No que diz respeito a mim, sim.

Minha infância foi concluída em espaço restrito, quando a guerra irrompeu em diferentes pontos no lugar em que eu cresci. Ela começou de forma inconfundível, com todas as peças de artilharia dos costados de um navio de guerra atirando e com a aproximação de aviões de vôo picado sobre o subúrbio portuário de Neufahrwasser, diante do qual ficava a base militar polonesa da plataforma de Wester, e além disso, mais longe, com os tiros precisos de dois tanques de reconhecimento na luta pelo correio polonês, no centro antigo de Danzig; ela também foi anunciada de perto pelo nosso rádio, o aparelho receptor do povo alemão, cujo lugar era na sala, sobre o bufê: com palavras brônzeas, num apartamento térreo, que era parte de um prédio alugado de três andares no Caminho das Delícias, de Langfuhr, foi proclamado o fim dos meus anos de infância.

Até a hora quis se fazer inesquecível. A partir de então, no campo de aviação do Estado Livre, próximo à fábrica de chocolates Baltic, não reinavam mais apenas as atividades civis. Olhando pelas clarabóias no teto do prédio de aluguel, via-se sobre o porto livre a fumaça subindo negramente, e ela sempre se renovava sob os ataques ininterruptos e ao sabor do leve vento noroeste.

Mas assim que tento me lembrar do barulho distante da artilharia do *Schleswig-Holstein*, que no fundo esgotara seus serviços na condição de veterano da batalha de Skagerrak e continuava servindo apenas como navio escolar para cadetes, bem como dos ruídos graduais de aviões, que eram chamados de Stukas, porque se viravam de lado sobre o campo de batalha e, em vôo

picado, enfim largavam as bombas que encontravam seu alvo, a pergunta toma forma: por que, afinal de contas, a infância e seu fim tão indemoavelmente datado deveria ser lembrada, se tudo que me aconteceu a partir do primeiro e desde o segundo dente, junto com o começo das aulas, jogos de bola de gude e joelhos esfolados, os mais precoces segredos de confissão e os tormentos da crença mais tardios, há tempo se transformou em tralhas sob a forma de bilhetes, que desde então se grudaram a uma pessoa que, mal levada ao contato com o papel, não quis crescer, quebrou vidros de todos os tipos cantando, teve duas bengalas de madeira à mão, e graças a seu tambor de lata tornou famoso seu nome, que a partir de então se tornou citável já que passou a existir entre as lombadas de um livro e traduzido em-não-sei-quantas línguas, quer se tornar imortal?

Porque isso e também aquilo tem de ser lembrado. Porque poderia faltar alguma coisa petulantemente dando na vista. Porque quem foi que e quando foi que caiu no poço, e isso quando já era tarde demais: meus buracos tamponados apenas mais tarde, meu crescimento irrefreável, minhas relações lingüísticas com objetos perdidos. E também este motivo deve ser mencionado: porque eu quero ter sempre a última palavra.

A recordação ama o jogo de esconde-esconde das crianças. Ela se escafede. Inclina-se a embelezar as coisas e gosta de enfeitar, muitas vezes sem motivo. Ela contraria a memória, que se mostra pedante e, quizilenta, quer ter sempre razão.

Quando é abordada com perguntas, a recordação assemelha-se a uma cebola, que precisa ser despelada a fim de que seja exposto o que então pode ser lido letra por letra: e ela raramente é explícita, muitas vezes enigmatizada em escrita especular ou de qualquer outra maneira.

Sob a primeira pele, que ainda estala secamente, encontra-se a próxima que, mal é tirada, expõe uma terceira, úmida, sob a qual aguardam e sussurram a quarta, e a quinta. E cada uma das outras exala o suor de palavras evitadas por demais tempo, também alguns sinais floreados, como se um merceiro de segredos já desde jovem, quando a cebola ainda brotava, quisesse se disfarçar.

E eis que a ambição já desperta: essa charada tem de ser decifrada, aquele código, descoberto. E de antemão está refutado, o que algum dia quiser ser

construído sobre a verdade, pois muitas vezes a mentira, ou sua irmã mais nova, a mutreta, é quem fornece a parte mais consistente da recordação; escrita, ela soa digna de crença e bravateia com detalhes que tem o valor preciso de fotografias: o telhado de papelão alcatroado do galpão no pátio traseiro de nossa casa de aluguel cintilando sob o calor de julho cheirava a balinhas de malte quando não havia vento...

O colarinho lavável da minha professora da escola fundamental, a Srta. Spollenhauer, era de celulóide e tão apertado que o pescoço dela formava dobras...

Os imensos laços em hélice das meninas aos domingos na pinguela sobre o lago de Zoppot, quando a banda da polícia tocava melodias animadas...

Meu primeiro cogumelo comestível...

Quando nós, os estudantes, éramos liberados da escola devido ao calor...

Quando minhas amígdalas mais uma vez estavam inflamadas...

Quando eu engoli perguntas...

A cebola tem muitas peles. Elas existem em variedade. Mal está despelada, ela já se renova. Cortada, ela impele lágrimas aos olhos. Só ao ser despelada ela fala a verdade. O que aconteceu antes e depois do fim da minha infância bate à porta com fatos e correu de modo mais difícil do que eu queria, quer ser contado ora assim, ora assado, e me seduz a cair em histórias mentirosas.

Quando, já tarde no verão e em dias que insistiam em continuar belos, a guerra irrompeu em Danzig e arredores, eu fui — os defensores poloneses da plataforma de Wester mal haviam capitulado depois de sete dias de resistência — ao subúrbio portuário de Neufahrwasser, que podia ser alcançado depois de pouco tempo com o bonde, passando por Saspe e Brösen, e juntei uma mão cheia de estilhaços de bombas e granadas, que aquele rapaz, que parecia ser eu, durante determinado tempo, em cujo decorrer a guerra parecia ser feita apenas de notícias extraordinárias anunciadas pelo rádio, trocou por selos, figuras coloridas de carteiras de cigarro, livros gastos pelo uso e também recém-impresos, entre eles a viagem de Sven Hedin pelo deserto de Gobi e não-sei-mais-o-quê.

Quem se lembra sem precisão ainda assim às vezes chega um fio de cabelo mais perto da verdade, mesmo que seja por caminhos tortuosos.

Na maior parte dos casos são objetos, nos quais a minha lembrança se esfrega, meus joelhos são esfolados ou que me fazem sentir um ressaibo de nojo: o forno de ladrilhos... As estacas de bater tapetes nos pátios internos... A privada no andar intermediário... A mala no sótão... Um pedaço de âmbar, do tamanho de um ovo de pombo...

Quem conseguiu reter a sensação tátil do prendedor de cabelos da mãe ou o lenço do pai com suas quatro pontas atadas em nó sob o calor do verão, ou mesmo o valor de troca particular de estilhaços diferentemente denteados de bombas e de granadas, a ele ocorrem — e ainda que seja na condição de desculpa divertida — histórias nas quais as coisas se passam de modo mais factual do que na vida real.

As figuras, que eu não tinha preguiça de colecionar quando criança e depois quando adolescente, podiam ser obtidas com vales enfiados em carteiras das quais minha mãe tirava seus cigarros batendo após o fechamento da loja. “Bastonetes”, era assim que ela chamava os sócios de seu vício moderado, que ela celebrava todas as noites junto a um copo de cointreau. Quando estava de bom humor, conseguia fazer anéis de fumaça pairarem no ar.

As figuras que eu cobiçava tanto reproduziam em cores as obras-primas da pintura européia. E assim aprendi desde cedo a pronunciar erradamente os nomes de artistas como Giorgioni, Mantegna, Botticelli, Ghirlandaio e Caravaggio. As carnes nuas das costas de uma mulher deitada, à qual um garoto alado segura o espelho, para mim estava ligada desde a infância ao nome do pintor Velázquez. E dos *Anjos Cantores*, de Jan van Eyck, ficou gravado sobretudo o perfil do anjo mais ao fundo; como eu teria gostado de ter os cabelos encaracolados como os dele, ou como os de Albrecht Dürer. O auto-retrato deste, que se encontra no Museu do Prado, em Madri, poderia ser questionado: por que o mestre se pintou com luvas? Por que motivo seu estranho gorro e a manga inferior direita estufada estão tão chamativamente esticadas? O que o torna tão autoconfiante? E por que sua idade — ele contava apenas vinte e seis anos — está escrita sob a borda pintada da janela?

Hoje eu sei que um serviço de figurinhas de uma firma de cigarros em Hamburgo-Bahrenfeld fornecia essas mais belas reproduções em troca dos vales — por encomenda — e também os álbuns quadrados. Desde que todos os três, graças a meu galerista de Lübeck, que mantém um antiquário na

Königstrasse, voltaram às minhas mãos, é certo que a edição do volume do Renascimento publicada no ano de trinta e oito foi impressa até alcançar os 450 mil exemplares.

Enquanto viro folha a folha, vejo-me colando as figuras na mesa da sala. Agora são obras do gótico tardio, entre elas a *Tentação de Santo Antão*, de Hieronymus Bosch: ele entre animais humanizados. O ambiente é quase solene, assim que a cola brota do tubo amarelo de Uhu...

É provável que na época muitos colecionadores, porque irremediavelmente aferrados à arte, tenham fumado demais. Eu, contudo, me transformei em beneficiário de todos aqueles fumantes para os quais os vales não tinham valor nenhum. Um número cada vez maior de figurinhas colecionadas, trocadas e coladas fizeram parte de minhas posses, com as quais eu lidava infantil e mais tarde sensivelmente: assim, a Madona espigada de Parmigianino, cuja cabeça, rebentando em botão ao alto do pescoço e superando a coluna que se eleva em direção ao céu no plano de fundo, permitia ao menino de doze anos se esfregar intimamente no joelho direito dela ao virar anjo.

Eu vivia em quadros. E porque o filho fazia tanta questão de completude, a mãe contribuiu não apenas com o produto de seu consumo antes limitado — ela fumava, devota, cigarros orientais com pontas douradas —, mas também juntou os vales que um ou outro dos clientes, que gostava dela e ao qual a arte não valia um vintém, empurrava por cima do balcão. Às vezes o pai, quando estava em viagem como vendedor de produtos coloniais, como se dizia, trazia ao filho os cobiçados vales. Também os artesãos de meu avô, o mestre de marcenaria, fumavam diligentemente a meu favor. Os álbuns cheios de campos vazios a serem preenchidos entre textos doutamente esclarecedores talvez tenham sido presentes de Natal ou de aniversário.

Por fim eram todos os três que eu guardava como um tesouro: o álbum azul, no qual estava colada a pintura do gótico e do Renascimento antigo; o vermelho, que me conduzia aos olhos a pintura do Renascimento; o amarelo-dourado, no qual os quadros do barroco não estavam todos colecionados. Para meu desgosto, não havia nada colado onde Rubens e Van Dyck reivindicavam lugar. O reabastecimento não funcionou. Depois do começo da guerra, as bênçãos em forma de vale entraram em maré baixa. Fumantes civis se transformaram em soldados, que baforavam seus Junos ou R6 bem longe de

casa. Um de meus fornecedores mais confiáveis, um cocheiro da cervejaria Aktien, tombou na batalha pela fortaleza de Modlin.

Também passaram a circular outras séries: animais, flores, quadros brilhantes da história alemã e os rostos maquiados de famosos atores de cinema.

Além disso foram distribuídos, desde o começo da guerra, cartões de víveres a cada família; e, em fases especiais, o gozo do tabaco era racionalizado. Mas, uma vez que eu havia colecionado minha formação em história da arte com a ajuda da firma de cigarros Reemtsma já no período anterior à guerra, a carência receitada não me atingiu tanto assim. Algumas lacunas puderam ser preenchidas posteriormente. De modo que consegui trocar a Madona de Dresden, de Rafael, que eu tinha dupla, pelo Cupido de Caravaggio; um negócio que só mais tarde valeu a pena.

Já quando tinha dez anos eu sabia diferenciar à primeira vista Hans Baldung, que era chamado de Grien, de Matthias Grünewald; Frans Hals, de Rembrandt e Filippo Lippi, de Cimabue.

Quem pintou a Madona no bosque de rosas? E quem pintou aquela de pano azul, com maçã e menino?

Questionado, conforme desejava, pela mãe, que tapava o título do quadro e o nome do artista com dois dedos, o filho dava respostas certas.

Nesse jogo caseiro de adivinhações, mas também na escola, eu era nota um em artes, mas a partir do primeiro ano do liceu me esfalfava desesperadamente assim que matemática, química e física passaram a fazer parte do plano de estudos. Rápido no cálculo de cabeça, no papel minhas equações com duas incógnitas raramente davam certo. Até o segundo ano eu era apoiado por notas um e dois em alemão, inglês, história e geografia. Ainda que os trabalhos repetidamente elogiados de desenho e pintura em aquarela, inspirados pela mais pura imaginação ou copiados à natureza, ajudassem o aluno, quando, a partir do terceiro ano, passou a ser dada também nota ao latim nos boletins, eu fui reprovado e tive de repetir e remoer tudo de novo durante um ano inteiro com outros repetentes. Isso preocupou meus pais, e a mim menos, já que desde cedo via abertos para mim caminhos de fuga que levavam ao infinito azul da fantasia.

Hoje em dia os netos só podem ser consolados pela metade com a confissão do avô, dizendo que foi um aluno em parte preguiçoso, em parte ambicioso, mas ao final das contas ruim, quando sofrem com boletins de notas

fracas ou professores desamparadamente trôpegos. Eles gemem como se tivessem de carregar às costas pedras imensas e pedagogicamente pesadas, como se seus tempos de escola decorressem em uma colônia penal, como se a obrigação de aprender chicaneasse sua mais doce soneca; mas temores de recreio jamais conseguiram dificultar meu sono ao se transformarem em pesadelos.

Quando eu era criança, e ainda não usava o boné vermelho dos ginásios e não colecionava figurinhas de cigarro, construí com a areia do mar em uma das praias ao longo da baía de Danzig, assim que o verão prometeu mais uma vez não ter fim, diferentes torres e muros altos até chegar a uma fortaleza habitada por figuras de natureza fantástica. Sempre de novo o mar voltava a derrubar minha construção. O que se elevava altaneiro desmoronava sem ruído. E minhas mãos voltavam a construir, deixando a areia escorrer por entre os dedos.

“Castelo de areia ensopada” é o título de um longo poema que escrevi em meados dos anos sessenta, em um tempo, portanto, em que o pai quarentão de três filhos e uma filha parecia já estar firmemente assentado e bem de vida; assim como o herói de seu primeiro romance, o autor se tornara famoso aprisionando seu eu duplicado em livros para depois levá-lo, amansado em páginas, ao mercado.

O poema trata da minha origem e do barulho do mar Báltico: “Nascido no castelo de areia ensopada, a oeste de”, e faz perguntas: “Nascido quando e onde, por quê?” Uma cascata discursiva invocando em versos pela metade a perda e a memória como se fossem um escritório de achados e perdidos: “As gaivotas não são gaivotas, mas sim”.

Ao final do poema, que demarca com o espírito santo e a imagem de Hitler o meu campo de atuação e chama o princípio da guerra à memória com estilhaços de bombas e fogo de canhões, os anos da infância escorrem pelos dedos. Só o mar Báltico continua dizendo em alemão, em polonês: “Blubb, piff, pschsch...”

A guerra contava poucos dias quando um primo da minha mãe, tio Franz, que na condição de carteiro pertencia aos defensores do correio polonês na praça Hevelius, foi fuzilado pouco depois da curta batalha como quase todos os outros sobreviventes. O juiz militar, que fundamentou, pronunciou e assinou as sentenças de morte, ainda pôde sentenciar e assinar sentenças sem nenhum problema bem depois do fim da guerra, como juiz em Schleswig-

Holstein. Isso era coisa comum nos tempos que pareciam não querer acabar mais do chanceler Adenauer.

Mais tarde eu adaptei a batalha pelo correio polonês, com outros personagens, a um modo narrativo de escrever, e com isso fiz desmoranar palavrosamente um castelo de cartas; à minha família, no entanto, faltaram as palavras, pois do tio de repente ausente, que além ou apesar de toda a política era amado e vinha muitas vezes com seus filhos Irmgard, Gregor, Magda e o pequeno Kasimir em visitas de domingo para tomar café e comer bolo ou para o jogo de cartas da tarde com meus pais, já não se falava mais. Seu nome não foi mais citado, como se ele jamais tivesse existido, como se tudo que dizia respeito a ele e sua família fosse indizível.

A parte cassúbia da parentela, do lado materno, e seus murmúrios ininterruptos e cálidos de lareira pareciam ter sido — por quem? — engolidos.

E também eu, ainda que com o princípio da guerra minha infância tenha acabado, não fiz perguntas repetitivas.

Ou será que não ousava perguntar porque não era mais criança?

Será que, assim como nos contos de fadas, só as crianças fazem as perguntas certas?

Ou será que o medo de uma resposta que pusesse tudo de ponta-cabeça me tornou mudo?

Essa é a ignomínia que se finge miúda, e pode ser encontrada na sexta ou na sétima pele daquela cebola ordinária, deitada em algum lugar e sempre pronta a ser tocada, e que dá o impulso definitivo à memória. Portanto, escrevo sobre a ignomínia e a vergonha que claudica atrás dela. Palavras usadas raramente, assentadas em processo de recuperação, conquanto meu olhar ora indulgente, ora severo, de novo permanece direcionado a um garoto, que usa calças curtas e mete o nariz por trás de tudo que se mantém oculto e ainda assim perdeu a chance de dizer “por quê”.

E, enquanto o menino de doze anos ainda continua sendo questionado por mim constrangedoramente, e nisso com certeza se sente exigido demais, eu peso cada um dos passos na escada do presente que desaparece com rapidez cada vez maior, suspiro fazendo ruído, ouço-me tossir e vivo tão serenamente quanto possível até o momento em que a morte vier me buscar.

O fuzilado tio Franz Krause deixou mulher e quatro filhos, que eram um pouco mais velhos, da mesma idade, dois ou três anos mais novos do que eu. Com

eles ninguém podia brincar mais. Eles tiveram de deixar o apartamento funcional no centro antigo da cidade, no Brabank, e se mudar para o campo, onde a mãe possuía uma cabana de empregados e uma lavoura entre Zuckau e Ramkau. Lá, na Cassúbia montanhosa, os filhos do carteiro moram ainda hoje, molestados pelos achaques típicos da velhice. Eles se recordam de um modo bem diferente. A eles faltava o pai, enquanto o meu passara a ficar demasiado próximo de mim na casa apertada.

O funcionário do correio polonês era um homem de família, angustiadamente preocupado, que não havia sido feito para morrer como herói e cujo nome mais tarde foi inscrito em uma placa de bronze como Franciszek Krauze, e assim foi eternizado.

Quando me deram um visto, depois de algum esforço, para visitar a Polônia em março de cinquenta e oito, e eu viajei de Paris, passando por Varsóvia para chegar à cidade de Gdansk, que crescia sobre os escombros, em busca de rastros da antiga cidade de Danzig, fui, depois de ter encontrado e ouvido material narrativo suficiente atrás das ruínas restantes das fachadas e ao longo da praia de Brösen, e mais tarde na mesa de leitura da biblioteca municipal bem como nas adjacências do intacto colégio Pestalozzi e por fim nas cozinhas de dois funcionários dos correios que haviam sobrevivido, fui, pois, ao campo à procura dos parentes que haviam restado. Lá fui cumprimentado na porta de uma cabana de camponeses pela mãe do carteiro fuzilado, minha tia-avó Anna, com a peremptória frase: “Puxa, Guinterzinho, como estás grandão!”

Antes disso, tive de mitigar sua desconfiança e, a seu pedido, mostrar meu passaporte, tão estranhamente estranhos nos encontrávamos um diante do outro. Mas em seguida ela me conduziu a sua lavoura de batatas, que hoje se encontra coberta pelas pistas cimentadas de pouso e decolagem do aeroporto de Gdansk.

No verão do ano seguinte, quando a guerra já havia crescido a ponto de se tornar guerra mundial, razão pela qual nós, alunos secundaristas, não apenas ruminávamos os menores acontecimentos locais durante as férias nas praias do mar Báltico, como também fanfarroneávamos, espaçosos, acerca das fronteiras, sempre se tratava apenas da ocupação da Noruega por nossas forças

armadas, ainda que até junho adentro notícias extraordinárias tivessem comemorado a plenos pulmões o decurso da campanha na França com o êxito da guerra-relâmpago e até a capitulação do inimigo havia tantas gerações: Roterdã, Antuérpia, Dunquerque, Paris, a costa do Atlântico... Assim decorriam nossas aulas de geografia, estendidas e estimuladas através da tomada de terras e países: ataque após ataque, triunfo após triunfo.

Para nós, contudo, antes ou depois do banho apenas os “heróis de Narvik” continuavam dignos de admiração. Ficávamos deitados sobre a areia, tomávamos banhos de sol na piscina da família, mas teríamos gostado ardentemente de participar da luta pelo fiorde, “lá longe, nos altos do norte”. Lá teríamos gostado de nos lambuzar de glória, tão fartos de férias estávamos, cheirando a creme Nivea.

No decorrer do culto perdurante aos heróis, tratávamos de nossa marinha de guerra e do fracasso dos ingleses, depois mais uma vez de nós, entre os quais alguns, e assim também eu, esperavam chegar à marinha em três ou quatro anos, se apenas a guerra durasse tempo suficiente, e, conforme desejávamos, na condição de marinheiros de submarino. Em calções de banho, competíamos na contagem de feitos militares, a começar pelos sucessos de Weddigen com os U9 na Primeira Guerra Mundial, chegando ao tenente-capitão Prien, que havia afundado o *Royal Oak*, para logo em seguida voltar a nos decorar com o triunfo “ardorosamente conquistado” em Narvik.

Então um dos rapazes, que se chamava Wolfgang Heinrichs, gostava de cantar, e cantava reconhecidamente bem, baladas, e até árias de ópera, quando alguém as pedia, cuja mão esquerda no entanto era atrofiada — de modo que ele podia contar com a certeza de nossa compaixão por ser “inapto para a marinha” —, disse repentinamente em voz impossível de não ser ouvida: “Vocês estão todos malucos!”

Então meu amigo de escola — pois isso ele era, com certeza — contou com o auxílio dos dedos de sua mão intacta cada um de nossos contratorpedeiros que haviam sido afundados ou gravemente danificados na batalha de Narvik. Ele abordava o assunto no detalhe, de um modo quase especializado, e disse que um dos navios de 1.800 toneladas — cujo nome ele mencionou — tivera de ser levado de volta ao porto. Os dedos daquela mão não foram suficientes.

Cada detalhe, até mesmo as armas e a velocidade em nós do navio de guerra inglês *Warspite*, era assunto familiar para ele; assim como também nós, os outros, na condição de filhos de uma cidade portuária, sabíamos enumerar uma por uma todas as características dos nossos, bem como dos navios de guerra inimigos: a tonelagem, número de tripulantes, a quantidade e o calibre das armas disponíveis no navio, o número de dutos para torpedos, o ano de fabricação. Ainda assim, nos admirávamos com os conhecimentos dele acerca dos acontecimentos em torno da batalha de Narvik, que superavam em muito aquilo que havíamos guardado das notícias diárias anunciadas no rádio pelas forças armadas. “Vocês não têm mesmo a menor idéia acerca do que de fato aconteceu lá em cima, no norte. Baixas graves! Baixas lamentavelmente graves!”

Isso era, apesar de todo o assombro, aceito sem discussão, pois perguntas sobre de onde ele, Wolfgang Heinrichs, havia auferido seu saber fabuloso nós não fizemos, eu não fiz.

Cinquenta anos mais tarde, quando aquilo que presente e necessariamente tem de se afirmar como “unidade alemã” começou a deixar rastros, nós visitamos Hiddensee, a ilha pátria e livre de automóveis de minha Ute. Situada na costa do leste anexado, ela jaz lindamente esticada entre lago e laguna e corre menos risco devido às inundações da maré alta e cada vez mais devido ao turismo que invade seu território.

Depois de excursões mais longas sobre caminhos e charnecas, procuramos por Martin Gruhn em Neuendorf, um amigo de juventude de minha esposa, que depois de fugir da República Democrática Alemã com um barco a remo em direção à Suécia, e voltar ao Estado dos Trabalhadores e Camponeses após muitos anos, havia se aposentado por lá. Sua aventura não podia ser lida em seu rosto, tão caseiro, tão sedentário ele se mostrava.

Café e bolo à nossa frente, conversamos sobre isso e aquilo; sua carreira de executivo no Ocidente, as muitas viagens para a Krupp à Índia, à Austrália e a tantos outros lugares. Ele contou da tentativa fracassada de entrar no comércio entre Leste e Oeste através de *joint ventures*, e do último prazer que ainda lhe restava, a pesca com nassa em suas águas natais.

Então aquele que voltara e parecia tão satisfeito passou a falar de repente de um conhecido: ele morava em Vitte — uma das três aldeias da ilha — e

afirmava, “duro e seco”, ter estudado comigo em Danzig. Seu nome seria Heinrichs, sim, e o prenome seria Wolfgang.

Quando fiz mais perguntas, ele confirmou a existência da mão atrofiada, e também que sabia cantar muito bem... “Ainda, mas bem raro ultimamente...”

Depois ele e Ute passaram a tratar apenas de histórias nativas da ilha, nas quais vivos e mortos palravam sem parar em baixo-alemão. Martin Gruhn, que, conforme desejara quando era rapaz, havia visto o mundo, apontou com algum orgulho para a parede coberta de máscaras, tapetes coloridos, fetiches entalhados em madeira. Bebemos uma última aguardente.

Depois da volta pela charneca, Ute e eu procuramos em Vitte a casa atrás da duna, na qual morava Heinrichs com a esposa. A porta foi aberta por um homem alto e compacto, que respirava pesadamente, e reconhecível para mim apenas pela mão atrofiada. Depois de breve hesitação, os amigos de escola se abraçaram e se mostraram um pouco comovidos.

Em seguida, estávamos sentados na varanda, fazendo força para nos mostrar animados, e mais tarde comemos peixe, os quatro, em uma das hospedarias: solhas fritas e crocantes. Cantar como no passado, por exemplo o *Rei dos elfos*, ele não queria. Mas não demorou muito para chegarmos à conversa da praia, no verão de quarenta, que depois de tantas décadas continuava algo misteriosa.

Atrasadamente, eu queria ouvir: “De onde sabias mais do que nós que, conforme tu mesmo disseste, não tínhamos a menor idéia dos acontecimentos? Como foi que chegaste ao número exato dos contratorpedeiros afundados e gravemente danificados na batalha de Narvik? E a todo o resto, que sabias tão bem? Por exemplo, que uma envelhecida bateria norueguesa da costa havia afundado o imenso cruzador *Blücher* no fiorde de Oslo depois de alguns tiros que haviam acertado em cheio e — também vindos da terra — dois torpedos?”

No rosto paralisado de Heinrichs bailou, enquanto ele falava, a insinuação de um sorriso. Havia apanhado de seu pai quando fizera troça em casa de nossa falta de idéia e nossa burrice. Pois é, sua gabação poderia ter tido sérias conseqüências. Denunciantes era o que não faltava, inclusive entre estudantes. O pai teria colhido informações, na condição de ouvinte de todas as noites da rádio britânica dos inimigos; informações que havia confiado ao filho sob o mandamento severo de que mantivesse silêncio a respeito.

“De fato!”, disse ele, seu pai havia sido um antifascista de verdade, e não apenas um daqueles que assim se autodenominaram depois dos acontecimen-

tos. E ele dissera isso como se o filho, ele mesmo, tivesse de se considerar um daqueles que assim se autodenominava.

E em seguida ouvi uma história sofrida que passara batida por mim, o amigo de escola, como se o tom de lamento tivesse sido sufocado porque eu não havia perguntado, porque eu mais uma vez não havia feito perguntas quando Wolfgang Heinrichs desaparecera de repente da escola, o venerável e antigo Conradinum.

Pouco depois das férias de verão, ou enquanto os últimos grãos da areia ainda caíam de nossos cabelos, o amigo faltou, ou não faltou, porque ninguém mostrou vontade de refutar o diagnóstico sussurrado à parte, “desapareceu sem deixar rastros”, e porque eu mais uma vez engolira, sem dizer, as palavras “por quê?”.

Só agora eu ouvia: o pai de Heinrichs, que durante os tempos de Estado Livre, entre as duas guerras, havia sido membro do USPD, depois deputado socialdemocrata e no Senado da cidade havia feito oposição aos grandes do partido de então, Rauschning e Greiser, e à companheirada e à coligação entre nacional-alemães e nazistas que governou mais tarde, foi vigiado e depois preso pela Gestapo, quando o outono de quarenta apenas estava começando. Ele foi posto em um campo de concentração, que fora edificado logo após a anexação de Danzig ao Grande Reich Alemão, nas proximidades da laguna, recebendo o nome de uma aldeia de pescadores nas vizinhanças: da estação ferroviária de Werder, na cidade, Stutthof podia ser alcançado com o trem, e de Schiewenhorst com a barca, atravessando o Vístula, em duas ou três horas.

Pouco depois da prisão do pai, a mãe optou pelo suicídio. Ao que Wolfgang e a irmã foram mandados à avó, que vivia no campo, longe o bastante para serem esquecidos por seus colegas. O pai, no entanto, depois de ficar preso no campo de concentração, fez parte de um “batalhão de punidos” que durante a campanha da Rússia tivera de remover minas no front. Essas missões com altas cotas de baixas eram chamadas de “Comandos suicidas de ascensão ao céu”, mas de qualquer modo lhe proporcionou a oportunidade de desertar para os russos.

Quando em março de quarenta e cinco o segundo exército dos soviéticos se apossou da montanha de escombros que era Danzig, o pai do meu amigo de escola voltou com os vencedores. Ele procurou e encontrou seus filhos, deixando a Polônia junto com eles em seguida, pouco depois do fim da guerra, em um comboio seguro porque ocupado por alemães antifascistas, esco-

lhendo a cidade portuária de Stralsund, na zona de ocupação soviética, como domicílio futuro do que havia restado de sua família.

Ele recebeu o posto de diretor da assembléia estadual. E uma vez que suas convicções políticas, apesar da instrução doutrinária no campo de concentração, não haviam sido prejudicadas, ele logo fundou uma associação socialdemocrata local, que de imediato teve boa clientela, mas passou a enfrentar dificuldades depois da unificação forçada do KPD e do SPD no Partido da Unidade Socialista. Ele lutou contra a igualização imposta de cima. Foi perseguido, ameaçado de prisão, momentos em que inclusive era insinuado o nome do campo de concentração de Buchenwald, mais uma vez cheio de prisioneiros.

Poucos anos depois, o pai de Heinrichs faleceu, amargurado, porque seus camaradas o haviam afastado de qualquer atividade política. O filho, no entanto, fez os estudos universitários, depois do fim de seus tempos de escola, em Rostock, junto com o amigo de escola Martin Gruhn, e logo se destacou no âmbito das ciências econômicas. Enquanto Gruhn, depois da fuga com o barco a remo, havia prosseguido seus estudos de economia primeiro em Lund, e mais tarde com Karl Schiller, em Hamburgo, Heinrichs fez carreira a serviço do partido único e exclusivo, e nisso sobreviveu a todas as mudanças de rota, até mesmo a de Ulbricht a Honecker. Já idoso, chegou a receber honras e se tornou diretor do Instituto de Ciências Econômicas na Academia das Ciências, em posição hierarquicamente tão alta que — mal caiu o muro e não mais existia a ditadura do Estado dos Trabalhadores e Camponeses — os triunfantes ocidentais da história alemã consideraram que tinham de, como se dizia, “reavaliá-lo” de imediato, o que significava transformá-lo em um nada.

Quando visitamos o amigo em Vitte, ele já estava gravemente doente. Sua mulher insinuou que havia motivos para se preocupar, já que o marido se queixava de apertos no peito e dificuldades para respirar. Ainda assim, ele de vez em quando fazia tentativas de atuar como contador em Stalsund, e nisso aprendera a encontrar lacunas no sistema de impostos.

Wolfgang Heinrichs, um produto fracassado das relações alemãs, que faleceu de embolia pulmonar poucos meses depois de nossa visita, ficou preso como amigo de escola no âmbito dos meus anos jovens — durante uma festa de conclusão ele cantou “O relógio”, de Carl Loewe, e sabia bem mais do que os colegas acerca das coisas da marinha de guerra —, porque me contentei em não saber nada ou saber apenas coisas erradas, porque eu me comportei

infantilmente mal, aceitei mudo seu desaparecimento e assim evitei mais uma vez as palavras “por quê”, de modo que meu silêncio agora, enquanto despelo a cebola, reboia em meus ouvidos.

Admito: uma dor que me torturava bem pouco. Mas queixas como ah, se eu tivesse tido um pai firme como Wolfgang Heinrichs e não um que já em trinta e seis, quando a coação ainda era moderada no Estado Livre de Danzig, entrou no partido, são surradas, e na condição de eco têm como consequência no máximo aquela gargalhada que o trocista que há em mim larga assim que desculpas do tipo começam a se manifestar: se nós na época tivéssemos feito... Se nós na época fôssemos...

Mas eu não fiz, eu não fui. O tio desaparecera, o amigo de escola permaneceu desaparecido. Porém assaz nítido se mostra aquele rapaz, cujos passos tenho de seguir, lá onde aconteceram coisas monstruosas: pouco menos de um ano antes do princípio da guerra. Violência, iluminada claramente à luz do dia.

Quando pouco depois do meu décimo primeiro aniversário as sinagogas queimaram em Danzig, e também outros lugares e vitrines se quebraram em cacos, eu permaneci inativo, mas junto aos fatos na condição de espectador curioso, quando no Michaelisweg, não muito longe de minha escola, o Conradinum, a pequena sinagoga de Langfuhr foi pilhada, devastada e posta em chamas por uma horda de homens da SA. Mas a testemunha do decurso extraordinariamente ruidoso da ação — que a polícia da cidade, talvez porque o fogo não logrou avançar muito, apenas contemplou — provavelmente se mostrou no máximo pasmo.

Mais do que isso não.

Por mais prestimoso que eu me mostre ao cutucar na moita de minhas recordações, nada encontro que me seja favorável. Nenhuma dúvida parece ter nublado meus anos de infância. Muito antes, fácil de ser conquistado, participei de tudo que o cotidiano, que se dizia, agitadamente agitado como era, um “novo tempo”, tinha a oferecer.

Isso era muito e era atraente: Max Schmelling triunfava no rádio e no cinema. Diante da loja Sternfeld, era coletado dinheiro em caixas para a campanha de inverno... “Ninguém passará fome, ninguém passará frio!” Pilotos de corrida alemães — Bernd Rosemeyer — eram os mais rápidos em suas Flechas de Prata. Os dirigíveis *Conde Zeppelin* e *Hindenburg* podiam ser

admirados ao se transformarem em motivo de cartão-postal, brilhando altos sobre a cidade. No noticiário semanal, nossa “Legião Condor” ajudava com armas novíssimas a livrar a Espanha do perigo vermelho. No pátio do recreio, brincávamos de “Alcázar”. E poucos meses antes os jogos olímpicos nos entusiasmaram com sua chuva de medalhas. Mais tarde, nosso corredor-prodígio se chamava Rudolf Harbig. E no noticiário semanal o reich alemão refulgia sob os holofotes concentrados.

Ainda durante os últimos anos do Estado Livre — eu contava dez —, o garoto com meu nome se tornou, de um modo que só pode ser caracterizado como voluntário, membro da Jungvolk, uma organização de formação da Juventude Hitlerista. “Pimpfe”, era assim que éramos chamados, ou também “lobinhos”. No Natal eu desejei ganhar o uniforme com quepe, lenço de pescoço, cinturão e correia de ombro.

Ainda que não possa me recordar de ter estado especialmente entusiasmado, de ter me enfiado em tribunas como porta-estandarte, ou de ter aspirado algum dia à posição do condutor todo enfeitado em cordéis de um desfile de garotos, não deixei de participar, inquestionavelmente, mesmo quando me aborrecia com aquelas cantorias eternas e os surdos ruídos de tambor.

Não era apenas o uniforme que atraía. À divisa adequada a nossos desejos, “A juventude tem de ser conduzida pela juventude!”, correspondia ainda a oferta: acampamentos temporários e jogos de campo em florestas da praia, fogo de acampamento entre rochas erráticas imponentes, elevadas à condição de lugar sagrado, no terreno montanhoso ao sul da cidade, festividades de alvorecer e solstício sob o céu estrelado e em clareiras da floresta que se abriam para o oriente. Cantávamos como se o canto pudesse tornar o reich cada vez maior.

Meu condutor de batalhão, um rapaz da classe trabalhadora vindo da colônia Nova Escócia, não era nem dois anos mais velho do que eu: um cara formidável, espirituoso, que sabia caminhar sobre as mãos. Eu o admirava, ria quando ele ria, corria atrás dele, obediente.

Tudo isso me atraía para fora do ranço pequeno-burguês das obrigações familiares, para longe do pai, da conversa fiada dos clientes no balcão da loja, da pequenez do apartamento de um quarto, no qual apenas me era reservado, e tinha de ser suficiente, o nicho raso sob a borda da janela direita da sala.

Nas prateleiras intermediárias do nicho ficavam empilhados livros e meus álbuns para as figuras colecionadas nos maços de cigarro. Lá também tinham

lugar a massa de plastilina para as minhas primeiras figuras, o bloco de desenhos Pelikan, a caixa de pintura com doze cores opacas, os selos colecionados de modo apenas negligente, um monte de quinquilharias e meus cadernos de escrita secretos.

São poucos os objetos que vejo com tanta nitidez em meu olhar retroativo quanto o nicho sob a borda da janela, que seria meu refúgio durante tantos anos; à minha irmã Waltraut, três anos mais nova do que eu, estava destinado o nicho esquerdo.

Pois tanto pode ser dito para tentar resumir: eu não era apenas um fedelho da juventude popular em uniforme, que se esforçava para marchar em passo cadenciado e enquanto isso cantar “Nossa bandeira tremula à nossa frente”, mas também um habitante da sala de visitas, que governava domesticamente os tesouros de seu nicho. Mesmo na ordem mais severa, eu continuava sendo um solitário, que no entanto não chegava a dar muito na vista; um seguidor de ocasião, cujos pensamentos sempre perambulavam em algum lugar.

Além disso, a mudança da escola fundamental para a escola secundária me havia transformado num Conradino. Eu podia, conforme se disse, estudar no ginásio, usava o tradicional boné vermelho dos ginásianos, ornado com o “C” dourado, e acreditava ter motivo para andar orgulhosamente de nariz empinado, porque era aluno de uma instituição de ensino afamada, à qual os pais tinham de pagar em parcelas o dinheiro poupado às custas, não sei quanto; um encargo mensal que era apenas insinuado ao filho.

O armazém de produtos coloniais, ligado lateralmente ao corredor estreito que dava para a porta da moradia e conduzido de forma competente pela minha mãe, sozinha, sob o nome de Helene Graß — o pai, Wilhelm, conhecido por Willy, decorava a vitrine, se ocupava das compras com os atacadistas e punha os preços nas placas —, andava de regular para mal. No tempo dos florins, restrições aduaneiras deixavam o comércio inseguro. Em todas as esquinas havia concorrência. A fim de conseguir permissão para a venda adicional de leite, nata, manteiga e queijo fresco, metade da cozinha que dava para o lado da rua teve de ser sacrificada, de modo que restou apenas uma câmara sem janelas para o fogão a gás e a geladeira. Um número cada vez maior de clientes era tomado pela cadeia de lojas “Café do Kaiser”. Apenas quando todas as contas eram pagas pontualmente os representantes comerciais

faziam as entregas. Clientela que comprava fiado em demasia. Sobretudo as mulheres dos funcionários da aduana, dos correios e da polícia gostavam de pedir que suas compras fossem postas na conta. Elas se lamentavam, regateavam, pediam descontos. Os pais confirmavam um ao outro a cada anoitecer, quando a loja fechava: “Nós mais uma vez estamos com o caixa quase vazio.”

Por isso teria de ser compreensível o fato de mamãe não poder me conceder uma mesada semanal. Mas, quando minhas queixas mostraram que não teriam mais fim — em minha sala todos os colegas faziam tilintar os trocados de modo mais ou menos abundante —, ela empurrou até mim um caderno in-oitavo já gasto pelo uso, no qual estavam listadas as dívidas de todos os clientes que, como ela disse, viviam “do fiado”. Eu vejo o caderno diante de mim, abro-o.

Em escrita limpa, aparecem nomes, endereços, bem como somas em florins algo diminuídas e logo de novo aumentadas, contadas centavo a centavo. O balanço de uma mulher de negócios que tem motivos para se preocupar com sua loja; por certo também o reflexo da situação econômica geral com o aumento do desemprego.

“Segunda-feira chegam os representantes das firmas e querem ver dinheiro vivo”, era seu discurso corrente. Jamais, no entanto, mamãe usou o dinheiro da escola que tinha de ser pago todos os meses diante do filho, e mais tarde da filha, como algo ao qual as crianças teriam de se submeter, sabedoras de que estavam em dívida. Jamais ela disse algo como: Eu me sacrifico por vocês. Façam alguma coisa em troca disso!

Ela, que tinha muito pouco tempo para uma pedagogia ponderada que cuidasse inclusive de todo tipo de possíveis conseqüências futuras — quando eu e minha irmã brigávamos, e os berros se tornavam altos demais, ela gritava para os clientes, “Momentinho”, corria para fora da loja até onde estávamos, jamais perguntava “quem foi que começou”, e dava um tapão no ouvido de cada um dos dois sem dizer palavra, a fim de logo em seguida voltar a servir amistosamente a clientela —, ela, que era tão carinhosamente terna, calorosa e com facilidade se comovia às lágrimas, ela, que gostava tanto de, quando tinha algum tempo, se perder em sonhos e chamava tudo que considerava bonito de “romântico de verdade”, ela, a mais preocupada de todas as mães, um dia empurrou o caderno in-oitavo a seu filho e fez a oferta de me pagar cinco por cento de todas as dívidas em florins e centavos recolhidas, se eu me mostrasse disposto, armado com minha esperta ausência de papas na língua

— e eu não as tinha, de fato! —, a procurar no rascunho cheio de números enfileirados, à tarde ou quando quer que eu encontrasse tempo para me desviar dos, segundo seu ponto de vista, tolos serviços à Jungvolk, os clientes devedores, de modo que se sentissem obrigados urgentemente a pagar suas dívidas, se não logo de cara pelo menos aos poucos, em parcelas.

Em seguida ainda me aconselhou a utilizar o entardecer de um dos dias da semana de modo especialmente aplicado: “Sexta-feira é dia de pagamento, aí tem que aproveitá.”

E assim, com dez ou onze anos, quando estava no primeiro ou no segundo ano do liceu, me tornei cobrador de dívidas; astuto e ao final das contas bem-sucedido. Com uma maçã ou balinhas baratas, eu não podia ser comprado. Sempre me ocorriam palavras para amolecer o coração dos devedores. Mesmo desculpas devotas e embalsamadas em óleo não comoviam meus ouvidos. Aos que queriam bater a porta na minha cara, eu botava meu pé no meio, evitando. Às sextas-feiras eu me tornava especialmente exigente, mencionando os salários da semana que lhes haviam sido pagos. Até mesmo o domingo não era sagrado para mim. E durante as férias de inverno e de verão eu me fazia atuante o dia inteiro, pela manhã e à tarde.

Em pouco eu acertara contas que levaram minha mãe, por razões não mais que pedagógicas, a diminuir os ganhos excessivos do filho de cinco para três por cento. Isso eu aceitei resmungando. Ela disse, no entanto: “Para que tu não vás te tornar atrevido demais.”

No final eu mesmo assim estava melhor de caixa do que muitos de meus colegas, que moravam no Uphagenweg ou no Steffensweg em mansões de telhados altos e cujos pais eram advogados, médicos, comerciantes de cereais, até mesmo industriais e proprietários de navios. Meu lucro líquido era amontoado em uma lata de tabaco e escondido no nicho da janela. Comprei blocos de desenho, fazendo estoque, e livros, diversos volumes da *Vida animal*, de Brehm. Ao viciado freqüentador de cinema até mesmo os mais distantes cinemas exibidores de filmes do centro velho da cidade se tornaram acessíveis, inclusive o Roxi no Olivaer Schlossgarten, sem contar as passagens de bonde de ida e volta. Nenhuma mudança de programação lhe escapava.

Nos tempos do Estado Livre ainda passava o “Noticiário semanal de Fox” antes do filme cultural e do longa-metragem. Harry Piel me cativava. Eu ria do Gordo e do Magro. Vi Charlie Chaplin procurando ouro, e depois comer

um sapato com cadarços e tudo. A estrela americana da criançada, Shirley Temple, eu achava tola e apenas medianamente bonita. Meu dinheiro foi suficiente para ver diversas vezes um filme mudo com Buster Keaton, cuja comicidade me deixava triste e cuja tristeza me fazia rir.

Foi em fevereiro, no dia do aniversário dela, ou no Dia das Mães? De qualquer modo, acreditei estar em condições, antes mesmo do princípio da Segunda Guerra Mundial, de poder presentear minha mãe com algo especial, um objeto importado. Muito tempo fiquei parado, ponderando, diante de vitrines, gozava a angústia da escolha, e titubeava entre a bandeja ovalada de cristal na loja Sternfeld e um ferro de passar roupa elétrico.

Por fim foi o produto de belas formas da Siemens, cujo preço enorme mamãe averiguou com severidade, mas ocultou à parentela como se o presente fosse um dos sete pecados capitais; e também o pai, que estava certo de ter de sentir orgulho pelo filho capaz, também não foi liberado para revelar a fonte de minha riqueza repentina. Logo depois do uso, o ferro de passar desaparecia imediatamente no bufete.

A prática de cobrar dívidas proporcionou-me ainda outros ganhos, que no entanto apenas passaram a valer a pena depois de décadas, na forma de prosa e em toda sua concretude.

Eu subia e descia escadarias de prédios de apartamentos alugados nos quais o cheiro era diferente de andar para andar. O cheiro exalado pelo repolho em fermentação era sobrepujado pelo fedor de roupas cozinhando. Um andar mais acima, tudo cheirava significativamente a gatos e fraldas de criança. Atrás da porta de cada moradia o ranço era diferente. Azedo ou a queimado, porque a dona de casa acabara de alisar seus cachos com um aparelho de chapinha. O cheiro de damas de mais idade: bolinhas de naftalina e lavanda Uralt. O hálito de aguardente do viúvo aposentado.

Eu aprendia cheirando, ouvindo, vendo e sentindo: a pobreza e as preocupações de famílias de trabalhadores com várias bocas a alimentar, a soberba e a raiva de funcionários da administração insultando em alto-alemão cheio de falsa expansividade, que eram incapazes de pagar já por princípio, a necessidade de mulheres solitárias por um pouco de fofoca à mesa da cozinha, o silêncio ameaçador e as brigas encarniçadas entre vizinhos.

Tudo isso se acumulou interiormente na condição de crédito poupado: pais que batiam quando estavam sóbrios e quando estavam borrachos, mu-

lheres berrando nos tons mais altos da escala vocal, crianças emudecidas ou gaguejantes, tosses ofegantes e duradouras, suspiros e blasfêmias, lágrimas de diferentes grandezas, o ódio às pessoas e o amor aos cães e canários, a história interminável do filho pródigo, histórias de proletários e de pequeno-burgueses, aquelas em baixo-alemão misturadas a blasfêmias em polonês, estas em linguagem oficial, solta e resumida, algumas cujo motor era a infidelidade e outras que só mais tarde me dei conta de que eram histórias que tratavam da vontade forte do espírito e da carne caducamente fraca.

Isso e ainda muito mais — não apenas as surras que me foram dadas ao cobrar dívidas — foi acumulado dentro de mim, na forma de estoque para tempos nos quais a matéria se tornou escassa para o narrador profissional, nos quais lhe faltaram palavras. Eu precisava apenas deixar que o tempo voltasse, farejar cheiros, classificar fedores, voltar a subir e descer escadas, tocar campainhas ou bater em portas, com especial freqüência ao anoitecer das sextas-feiras.

Pode até ser que a lida precoce com o florim do Estado Livre, até mesmo quando se tratava de quantias em centavos, e em seguida, a partir de trinta e nove e do princípio da guerra, as cobranças em marcos do reich — as cobiçadas moedas de prata de cinco marcos — tenham me firmado de modo tão duradouro na dureza da prática, que me parecia inescrupulosamente fácil insistir obstinadamente que minhas exigências fossem atendidas durante os tempos posteriores à guerra, na condição de mercador ilegal de artigos raros como pederneiras e lâminas de barbear, e mais tarde na condição de autor, quando negociava os contratos com editores que queriam se fazer de surdos.

De resto, sei de motivos suficientes para ser agradecido a minha mãe, porque ela me ensinou desde cedo a lidar objetivamente com o dinheiro, ainda que fosse na cobrança de dívidas. Se, portanto, na organização de um autorretrato literal, que os filhos Franz e Raoul me extorquiram quando eu escrevia o *Diário de uma lesma* no princípio da década de setenta, é dito de modo lapidar: “Eu fui criado até muito bem para ser mal-educado”, estou fazendo referência também a minhas práticas de cobrador de dívidas.

Esqueci de mencionar de passagem as freqüentes inflamações nas amígdalas, que antes e depois do fim da guerra, muito embora tivessem me livrado por alguns dias da escola, também prejudicaram meus serviços obcecados por dinheiro à clientela da loja. Ao convalescente a mãe trazia ao pé da cama, em um vidro, gemas de ovo batidas com açúcar.